

**Landesbibliothek Oldenburg**

**Digitalisierung von Drucken**

**Obras De Luis de Camoens**

**Camões, Luis de**

**Paris, 1759**

Canto X.

**urn:nbn:de:gbv:45:1-2633**



## CANTO X.

### ARGUMENTO.

*As mesas de vivificos manjares ,  
Com as Ninfas os Lusos valerosos ,  
Ouvem de seus vindouros singulares ,  
Façanhas , em acentos numerosos :  
Mostralhe Thetis tudo quanto os mares ,  
E quanto os Ceos rodeam luminosos ,  
A pequeno volume reduzido ,  
E torna a frota ao Tejo tam querido.*

#### I.

**M**as ja o cláto amador da Larifíca  
Adultera , inclinava os animaes ,  
Lá para o grande lago , que rodea  
Temistitam , nos fins Occidentaes :  
O grande ardor do Sol Favonio enfrea  
Co sopro , que nos tanques naturaes ,  
Encrespa agoa serena , & despertava ,  
Os Lirios , & Jasmíns , que a calma agrava



U. Hagedorn's Geest

*canto 10*





## I I.

Quando as fermosas Ninfas cos amantes,  
 Pela mão já conformes, & contentes,  
 Subião para os paços radiantes,  
 E de metais ornados reluzentes:  
 Mandados da Raynha, que abundantes  
 Meças de altos manjares excellentes,  
 Lhes tinha aparelhado, que a fraqueza  
 Restaurem da cansada natureza.

## I I I.

Alli em cadeiras ricas cristalinas  
 Se assentaõ, dous, & dous, amante, & dama,  
 N'outras à cabeceira de ouro finas,  
 Està co a bella Deosa o claro Gama:  
 De iguarias suaves, & divinas,  
 A quem não chega a Egipcia antiga Fama  
 Se accumulão os pratos de fulvo ouro,  
 Trazidos lá do Atlantico thesouro.

## I V.

Os vinhos odoriferos, que acima  
 Estão, naõ sò do Itálico Falerno,  
 Mas da Ambrosia, que Jove tanto estima,  
 Com todo o ajuntamento sempiterno:  
 Nos vasos, onde em vão trabalha á lima,  
 Crespas escumas erguem, que no interno  
 Coração movem subita alegria,  
 Saltando co a mistura d'agoa fria.

Ec ij



## V.

Mil práticas alegres se tocávão ,  
 Rizos doces , furtis , & argutos ditos ,  
 Que entre hum , & outro májar se levátavaõ ,  
 Despertando os alegres apetitos :  
 Musicos instrumentos não faltávaõ ,  
 Quaes no profundo Reyno os nũs espiritos ,  
 Fizeraõ descansar da eterna pena ,  
 Cúa voz d'hũa angelica Syrena.

## V I.

Cantáva a bella Ninfa , & cos acentos  
 Que pelos altos paços vaõ soando ,  
 Em consonancia igual , os instrumentos  
 Suaves vem a hum tempo conformando :  
 Hum subito silencio enfrea os ventos ,  
 E faz ir docemente murmurando  
 As agoas , & nas casaf naturaes  
 Adormecer os brutos animaes.

## V I I.

Com doce voz está subindo ao Ceo  
 Altos varoés , que estão por vir ao mundo ,  
 Cujas claras Idéas vio Protheo ,  
 Num globo vaõ , diafano & rotundo :  
 Que Jupiter em dom lho concedeo  
 Em sonhos , & depois no Reyno fundo ,  
 Vaticinando o disse , & na memoria  
 Recolheo logo a Ninfa a clara historia.

## VIII.

Materia he de Corurno , & não de Soco ,  
 A que a Ninfa aprendeo no immenso lago  
 Qual Yôpas não soube , ou Demodóco ,  
 Entre òs Feâces hum , outro em Cartago :  
 Aqui minha Calliope te invoco  
 Neste trabalho extremo , porque em pago  
 Me tornes , do q̃ escrevo , & em vaô pretêdo  
 O gosto de escrever , que vou perdendo.

## IX.

Vaô os annos decendo , & ja do Estio  
 Ha pouco , que passar até o Otono  
 A Fortuna me faz o engenho frio ,  
 Do qual ja não me jacto ,nem me abono ;  
 Os desgostos me vaô levando ao rio  
 Do negro esquecimento , & eterno sono ,  
 Mas tu me dá que cumpra ò graô Raynha  
 Das mûsas , co que quero à nação minha.

## X.

Cantava a bella Deosa , que viriaô  
 Do Tejo , pelo mar , que o Gama abrita ,  
 Armadas ; que as ribeiras venceriaô ,  
 Por onde o Oceano Indico suspira :  
 E que os Gentios Reys , que não dariaô  
 A cerviz sua ao jugo , o ferro , & ira ,  
 Provariaô do braço duro , & forte ,  
 Até renderle a elle , ou logo a morte.

Ec iij



## X I.

Cantava de hum , que tem nos Malabares  
 Do fumo sacerdocio a dinidade ,  
 Que sò por não quebrar cos singulares  
 Varoens os nòs , que dêra de amizade :  
 Sofrerà suas cidades , & lugares ,  
 Com ferro , incendios , ira , & crueldade ,  
 Ver destruir do Samorì potente ,  
 Que tais odios terà co a nova gente.

## X I I.

E canta como lá se embarcaria  
 Em Belem o remedio deste dano ,  
 Sem saber o que em si ao mar traria ,  
 O graõ Pacheco , Achilles Lusitano :  
 O peso sentirão , quando entraria  
 O curvo lenho em o fervido Occeano ,  
 Quando mais n'agoa os troncos , q̃ gemcrem  
 Contra sua natureza se meterem.

## X I I I.

Mas já chegado aos fins Orientais ,  
 E dexado em ajuda do gentio  
 Rey de Cochim , com poucos naturais ,  
 Nos braços do salgado , & curvo rio :  
 Desbaratarà os Naires infernais ,  
 No passo Cambalão , tornando frio  
 Despanto o ardor immenso de Oriente ,  
 Que verà tanto obrar tam pouca gente.



## XIV.

Chamará o Samorí mais gente nõva ,  
 Viraõ Reys de Bipúr , & de Tanor ,  
 Das ferras de Narfinga , que alta próva  
 Estarãõ prometendo a seu senhor :  
 Para que todo o Norte em fim se mova ,  
 Que entre Calecut jaz , & Cananor ,  
 D'ambas as leys imjgas , para a guerra ,  
 Mouros por mar , Gentios pela terra.

## XV.

E todos outra vez desbaratando  
 Por terra & mar , o grãõ Pacheco ousado ,  
 A grande multidãõ , que irã matando ,  
 A todo o Malavar terã admirado :  
 Cometerã outra vez não dilatando  
 O Gentio os combates apressado ,  
 Injutiando os seus , fazendo votos  
 Em vão aos Deofes vãos , furdos , & immotos.

## XVI.

Lã não defenderã sómente os passos ,  
 Mas queimar lheha lugares , templos , casãs ,  
 Acefõ de ira o Cãõ , não vendo lassos ,  
 Aquelles , que as cidades fazem razas :  
 Farã que os seus de vida pouco escassos  
 Cometãõ o Pacheco , que tem azas ,  
 Por dous passos num tempo , mas voando  
 D'hum n'outro , tudo irã desbaratando.



## XVII.

Virà alli o Samorì porque em pessoa ,  
 Veja a batalha , & os seus esforce , & anime ,  
 Mas hum tirò , que com zonido voa ,  
 De fangue o tingirá no andor sublime :  
 Já não verà remedio , ou manha boa ,  
 Nem força , que o Pacheco muito estime ,  
 Inventará traçoens , & vãos venenos ,  
 Mas sempre , o Ceo querendo , fará menos.

## XVIII.

Que tornarà a vez septima , cantàva ,  
 Pelejar co invito , & forte Luso ,  
 A quem nenhum trabalho peza & agrava ,  
 Mas com tudo , este só o fará confuso :  
 Trará para a batalha horrenda , & brava ,  
 Maquinas de madeiros fôra de uso ,  
 Para lhe abalroar as Caravelas ,  
 Que atelli vão lhe fora cometellas.

## XIX.

Pela agoa levára ferras de fogo ,  
 Para abrazarlhe quanta armada tenha ,  
 Mas a militar arte , & engenho , lógo  
 Fará ser van a braveza com que venha  
 Nenhum claro varaõ no Marcio fogo  
 ( Que nas azas da Fama se sostenha )  
 Chega a este , que a palma a todos tóma ,  
 E perdoeme a illustre Grecia , ou Roma.

## X X.

Porque tantas batalhas sustentadas  
 Com muito pouco mais de cem soldados,  
 Com tantas manhas, & artes inventadas,  
 Tantos Cães não imbelles profligados,  
 Ou parecerão fabulas fohhadas,  
 Ou que os celestes Còros invocados  
 Decerão a ajudallo, & lhe darão,  
 Esforço, força, ardil, & coração.

## X X I.

Aquelle, que nos campos Maratonios  
 O graõ poder de Dario estrue, & rende;  
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios  
 O passo de Termopilas defende;  
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,  
 Que com todo o poder Tusco contende,  
 Em defenfa da ponte, ou Quinto Fabio,  
 Foi como este na guerra, forte, & fabio.

## X X I I.

Mas neste passo a Ninfa o som canoro  
 Abaixando, fez ronco, & entristecido,  
 Cantando em baixa voz envolta em choro,  
 O grande esforço mal agradecido:  
 Oh Belifario, disse, que no coro  
 Das Musas serás sempre engrandecido,  
 Se em ti viste abatido o bravo Marte,  
 Aqui tens, com quem pòdes consolarte.

## X X I I I.

A qui tés companheiro , assi nos feitos ,  
 Como no galardão , injusto & duro ;  
 Em ti , & nelle veremos altos peitos  
 A baixo estado vir humilde , & escuro :  
 Morrer nos hospitais em pobres leitos ,  
 Os que ao Rey , & à ley servem de muro ,  
 Isto fazem os Reys , cuja vontade  
 Manda mais , que a justiça , & que a verdade.

## X X I V.

Isto fazem os Reys , quando embebidos  
 Núa apparencia branda , que os contenta ,  
 Daó os premios de Ayace merecidos ,  
 A' lingua vam de Ulysses fraudulenta :  
 Mas vingome , que os bés mal repartidos ,  
 Por quem sôs doces sombras apresenta ,  
 Senão os dão a sabios cavaleiros ,  
 Damnos lógo a avarentos lisongeiros.

## X X V.

Mas tu , de quem ficou tam mal pagado  
 Hum tam vassallo , o Rey , só nisto iniquo ,  
 Senão ès para darlhe honroso estado ,  
 He elle para darte hum Reyno riquo :  
 Em quanto for o mundo rodeado  
 Dos Apollineos rayos , eu te fiquo ,  
 Que elle seja entre a gente illustre , & claro ,  
 E tu nisto culpado por aváro.

## X X V I.

Mas eis outro cantaya intitulado  
 Vem com nome Real, & traz configo  
 O filho, que no mar ferá illustrado  
 Tanto como qualquer Romano antigo :  
 Ambos darão com braço forte armado  
 A' Quiloa fertil aspero castigo,  
 Fazendo nella Rey leal, & humano,  
 Deitado fôra o perfido tyrano.

## X X V I I.

Tambem farão Mombaça, que se arrez  
 De casaf sumptuosas, & edificios,  
 Co ferro, & fogo feu, queimada; & fea,  
 Em pago dos passados maleficios :  
 Depois na costa da India, andando chea,  
 De lenhos inimigos, & artificios,  
 Contra os Lufos com vellas, & com remos,  
 O mancebo Lourenço fará estremos.

## X X V I I I.

Das grandes naos do Samorí potente,  
 Que encherão todo o mar com ferrea pella,  
 Que fae como trovão do cobre ardente,  
 Fará pedaços leme, masto & vella :  
 Depois lançando arpeos ousadamente  
 Na Capitania imiga, dentro nella  
 Saltando, a fará sô com lança, & espada,  
 De quatrocentos Mouros despejada,

## X X I X.

Mas de Deos a escondida providencia,  
 Que elle só sabe o bem de que se serve,  
 O porá onde esforço, nem prudencia,  
 Poderá haver, que a vida lhe reserve:  
 Em Chaul, onde em sangue, & resistencia  
 O mar todo com fogo, & ferro ferve,  
 Lhe farão, que com vida senão faya,  
 As armadas de Egypto, & de Cambaya.

## X X X.

Alli o poder de muitos inimigos,  
 Que o grande esforço, só com força rende,  
 Os ventos, que faltarão, & os perigos  
 Do mar, que sobejarão, tudo offende;  
 Aqui refurjam todos os antigos,  
 A ver o nobre ardor, que aqui se aprende  
 Outro sceva verão, que espedaçado  
 Não sabe fer rendido, nem domado.

## X X X I.

Com toda húa coxa fóra, que em pedaços  
 Lhe leva hum cego tiro, que passára,  
 Se serve inda dos animosos braços,  
 E do gram coração, que lhe ficára;  
 Atè que outro pelouro quebra os laços,  
 Com que com a alma o corpo se liára,  
 Ella solta voou da prisão fóra,  
 Onde subito se acha vencedora.

Vairé

## XXXII.

Vaite alma em paz da guerra turbulenta ,  
 Na qual tu mereceste paz ferena ,  
 Que o corpo , que em pedaços se apresenta ,  
 Quem o gerou vingança ja lhe ordena :  
 Que eu ouço retumbar a gram tormenta ,  
 Que vem ja dar a dura , & eterna pena ,  
 De Esperas , Basiliscos , & Trabucos ,  
 A Cambaicos crueis , & Mamelucos.

## XXXIII.

Eis vem o pay com animo estupendo ,  
 Trazendo furia , & magoa por antolhos ,  
 Com que o paterno amor lhe está moyendo  
 Fogo no coração , agoa nos olhos :  
 A nobre ira lhe vinha prometendo ,  
 Que o sangue fará dar pelos giolhos  
 Nas inimigas naos ; fentiloha o Nilo ,  
 Podeloha o Indo ver , & o Gange ouviu.

## XXXIV.

Qual o Touro ciofo , que se enfaya  
 Para a crua peleja , os cornos tenta  
 No tronco de hum carvalho , ou alta faya ,  
 E o ar ferindo , as forças exprimenta :  
 Tal , antes que no feyo de Cambaya  
 Entre Francisco irado , na opulenta  
 Cidade de Dabul a espada afia ,  
 Abaixandolhe a tumida oufadia.

Tom. I.

Ff



## X X X V.

E logo entrando fero na enseada  
 De Diu, illustre em cercos, & batalhas;  
 Farà espalhar a fraca, & grande armada  
 De Calecut, que remos tem por malhas:  
 A de Melique Yaz acautelada,  
 Cos pelouros, que tu Vulcano espalhas,  
 Farà ir ver o frio, & fundo alento,  
 Secreto leito do humido elemento.

## X X X V I.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando  
 A furia esperarà dos vingadores,  
 Vera braços, & pernas ir nadando,  
 Sem corpos, pello mar, de seus senhores;  
 Rayos de fogo iraõ representando,  
 No cego ardor, os bravos domadores,  
 Quanto allí sentirão olhos, & ouvidos,  
 He fumo, ferro, flamas, & alatidos.

## X X X V I I.

Mas ah, que desta prospera vitoria,  
 Com que depois virà ao patrio Tejo,  
 Quasi lhe roubarà a fama, & gloria  
 Hum successo, que triste & negro vejo;  
 O Cabo Tormentorio, que a memoria  
 Cos ossos guardará, não terá pejo  
 De tirar deste mundo aquelle espirito,  
 Que não tirará toda a India, & Egyto.



## X X X V I I I.

Alli Castres salvagens poderão ,  
 O que destros imigos não pudéram ,  
 E rudes paos tostados só farão  
 O que arcos , & pelouros não fizeraõ :  
 Occultos os juizos de Deos são ,  
 A's gentes vãs , que não nos entendéram ,  
 Chamãolhe Fado mau , Fortuna escura ,  
 Sendo só providencia de Deos pura.

## X X X I X.

Mas ò que luz tamanha , que abrir sinto ;  
 Dizia a Ninfa , & a voz alevantava ,  
 Lá no mar de Melinde em fangue tinto ,  
 Das Cidades de Lamo , de Oja & Brava :  
 Pelo Cunha tambem , que nunca extinto  
 Serà seu nome em todo o mar , que lava  
 As Ilhas do Austro , & prayas , que se chamaõ  
 De S. Lourenço , & em todo o Sul se afamaõ.

## X L.

Esta luz he do fogo , & das luzentes  
 Armas , cõm que Albuquerque irá amansando  
 De Ormuz os Parsecos , por seu mal valentes  
 Que refusaõ o jugo honroso , & brando.  
 Alli veraõ as fetas estridentes  
 Reciprocarse , as pontas no ar virando ,  
 Contra quem as tirou , que Deos peleja  
 Por quem estende a Fé da Madre Igreja.

F f ij



## L X I.

Alli do fal os montes não defendem  
 De corrupção os corpos no combate,  
 Que mortos pela praya, & mar se estendem  
 De Gerum, de Mazcate, & Calayate:  
 Até que a força só do braço aprendem  
 A abaixar a cerviz onde se lhe ate  
 Obrigação de dar o Reyno iniquo  
 Das perlas de Bârem tributo rico.

## X L I I.

Que gloriosas palmas tecer vejo,  
 Com que vitoria a fronte lhe coroa,  
 Qando sem sombra vam de medo, ou pejo  
 Toma a Ilha illustrissima de Goa:  
 Depois obedecendo ao duro ensejo,  
 A deixa, & occasião espera boa,  
 Com q̃ a torne a tomar, que esforço, & arte  
 Venceraõ a Fortuna, & o proprio Marte.

## X L I I I.

Eis já fobrella torna, & vai tompendo  
 Por muros, fogo, lanças, & pelouros,  
 Abrindo com espada o espello, & horrendo  
 Esquadraõ de Gentios, & de Mouros:  
 Irãõ foldados inclitos fazendo  
 Mais que Leões famelicos, & Touros,  
 Na luz, que sempre celebrada, & dina  
 Serã de Egicia santa Caterina.

## X L I V.

Nem tu menos fugir poderàs delte ,  
 Poſto que rica , & poſto que aſſentáda  
 Lá no gremio da Aurora , onde naceſte ,  
 Opulenta Malaca nomeáda :  
 As fetas venenoſas , que fizefte ,  
 Os Crifes , com que ja te vejo armada ,  
 Malayos namorados , Jaos valentes ,  
 Toços faràs ao Luſo obedientes.

## X L V.

Mais eſtações cantata eſta Sirena ,  
 Em louvor do illuſtriſſimo Albuquerque ,  
 Mas lembroulhe huma ira , que o condena ,  
 Poſto que a fama ſua o mundo cerque :  
 O grande Capitaó , que o Fado ordena ,  
 Que com trabalhos gloria eterna merque  
 Mais ha de ſer hum brando companheiro  
 Para os ſeus , que juiz cruel , & inteiro.

## X L V I.

Mas em tempo , que fomes , & aſperezas ,  
 Doenças , frechas , & trovoens ardentes ,  
 A ſazaó , & o lugar fazem cruezas  
 Nos ſoldados a tudo obedientes :  
 Parece de ſalvaticas brutezas ,  
 De peitos inhumanos , & insolentes ,  
 Dar extremo ſuplicio pela culpa ,  
 Que a fraca humanidade , & amor deſculpa.

F f iij



## X L V I I.

Naõ era a culpa abominoso incesto ,  
 Nem violento estupro em virgem pura ,  
 Nem menos adulterio defonesto ,  
 Mas cum a escrava vil lasciva , & escura :  
 Se o peito , ou de ciofo , ou de modesto ,  
 Ou de usado a crueza fera , & dura ,  
 Cos seus huma ira insana naõ refrea ,  
 Poem na Fama alva , noda negra , & fea.

## X L V I I I.

Vio Alexandre Apelles namorado  
 Da sua Campaspe , & dalha alegremente ,  
 Naõ sendo seu soldado esprimentado ,  
 Nem vendose num cerco duro , & urgente :  
 Sentio Ciro , que andava ja abrasado  
 Araspes , de Pantea , em fogo ardente ,  
 Que elle tomara em guarda , & prometia ,  
 Que nenhum mao desejo o venceria.

## X L I X.

Mas vendo ò illustre Perfa , que vencido  
 Fora de amor , que em fim naõ tem defenfa ,  
 Levemente o perdoa , & foi servido  
 Deste num caso grande em recompensa :  
 Por força , de Judita foi marido  
 O ferreo Balduino , mas dispensa  
 Carlos pay della , posto em cousas grandes ,  
 Que viva , & povoador seja de Frandes.

## L.

Mas proseguindo a Ninfa o lindo canto ,  
 De Soarez cantava , que as bandeiras  
 Faria tremolar , & pôr espanto ,  
 Pellas roxas Arabicas ribeiras :  
 Medina abominavel teme tanto ,  
 Quanto Meca , & Gidá , co as derradeiras  
 Prayas de Abafia , Barborà se teme  
 Do mal , de que o Emporio Zeila geme.

## L I.

A nobre Ilha tambem da Taprobana ,  
 Ja pelo nome antigo tam famosa ,  
 Quanto agora soberba , & soberana ,  
 Pella cortiça calida , cheirosa :  
 Della darà tributo à Lusitana  
 Bandeira , quando excelsa , & gloriosa ,  
 Vencendo se erguerà na torre erguida  
 Em Columbo , dos proprios tam temida.

## L I I.

Tambem Siqueira as ondas Eritrèas ,  
 Dividindo , abrirea novo caminho ,  
 Para ti grande Imperio , que te arreas  
 De seres de Candace , & Sabá ninho ?  
 Maquã com cisternas de agoa cheas ,  
 Verà , & o porto Arquico alli vizinho ,  
 E fará descubrir remotas Ilhas ,  
 Que daõ ao mundo novas maravilhas.



## L I I I.

Virá depois Meneses , cujo ferro  
 Mais na Africa , que cá terá provado ,  
 Castigará de Ormuz soberba o erro ,  
 Com lhe fazer tributo dar dobrado :  
 Tambem tu Gama em pago do defferro ,  
 Em que estás , & ferás inda tornado ,  
 Cos titulos de Conde , & de honras nobres ,  
 Virás mandar a terra , que descobres.

## L I V.

Mas aquella fatal necessidade ,  
 De quem ninguem se exime dos humanos ,  
 Illustrado co a Regia dinidade ,  
 Te tirará do mundo , & seus enganos :  
 Outro Meneses logo , cuja idade  
 He maior na prudencia , que nos annos ,  
 Governará , & fará o ditoso Henrique ,  
 Que perpetua memoria delle fique.

## L V.

Naõ vencerá sòmente os Malabares ,  
 Destruindo Panàne , com Coulete ,  
 Cometendo as bombardas , que nos ares  
 Se vingão só do peito , que as comete :  
 Mas com virtudes certo singulares ,  
 Vence os imigos d'alma todos fete ,  
 De cobiça triunfa , & incontinencia ,  
 Que em tal idade he summa excellencia.

## LVI.

Mas depois, que as Estrellas o chamarem,  
 Succederás, ò forte Mascarenhas,  
 E se injustos o mando te tomarem,  
 Prometote, que fama eterna tenhas:  
 Para teus inimigos confessarem  
 Teu valor alto, o Fado quer, que venhas  
 A mandar mais de palmas coroadas,  
 Que de Fortuna justa acompanhado.

## LVII.

No Reyno de Bintam, que tantos danos  
 Terá a Malaca muito tempo feitos,  
 Num só dia as injurias de mil annos  
 Vingarás, co valor de illustres peitos:  
 Trabalhos, & perigos inhumanos,  
 Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,  
 Tranqueiras, baluartes, lanças, fetas,  
 Tudo fico, que rompás, & sometas.

## LVIII.

Mas na India cobiça, & ambição,  
 Que claramente poem aberto o rosto  
 Contra Deos, & justiça, te faraõ  
 Vituperio nenhum, mas só desgosto:  
 Quem faz injuria vil, & sem razaõ  
 Com a força, & poder em que está posto,  
 Não vence, que a victoria verdadeira,  
 He saber ter justiça nua & inteira.

## L I X .

Mas com tudo não nego , que Sampayo  
 Será no esforço illustre , & finalado ,  
 Mostrandose no mar hum fero rayo ,  
 Que de inimigos mil verá qualhado :  
 Em Bacanor fará cruel ensayo ,  
 No Malabar , para que amedrontado  
 Depois a ser vencido delle venha ,  
 Cutiale , com quanta armada tenha .

## L X .

E não menos de Diu a fera frota ,  
 Que Chaul temerá de grande , & ousada ;  
 Fará co a vista sô perdida , & rota ,  
 Por Heitor da Silveira , & destrojada :  
 Por Heitor Portuguez , de quem se nota ,  
 Que na costa Cambaya sempre armada  
 Será aos Guzarates tanto dano ,  
 Quanto ja foi aos Gregos o Troyano .

## L X I .

A Sampayo feroz succederá ,  
 Cunha , que longo tempo tem o leme ,  
 De Chalè as torres altas erguerá ;  
 Em quanto Diu illustre delle treme :  
 O forte Baçaim se lhe darà ,  
 Não sem fangue , porèm , que nelle geme  
 Melique , porque à força sô de espada  
 A tranqueira soberba vê tomada .



## L X I I.

Traz este vem Noronha, cujo auspicio  
 De Diu os Rumes feros afugenta,  
 Diu, que o peito, & bellico exercicio  
 De Antonio da Silveira bem sustenta:  
 Farà em Noronha a morte o usado officio,  
 Quando hù teu ramo, ò Gama, se exprimenta  
 No governo do Imperio, cujo zelo,  
 Com medo o roxo mar farà amarelo.

## L X I I I.

Das mãos do teu Esteuaõ vem tomar  
 As redeas hum, que ja ferà illustrado  
 No Brazil, com vencer, & castigar  
 O Pirata Francez ao mar usado:  
 Depois Capitão mòr do Indico mar,  
 O muro de Damaõ soberbo, & armado  
 Escalla, & primeiro entra a porta aberta,  
 Que fogo, & frechas mil teraõ cuberta.

## L X I V.

A este o Rey Cambayco soberbissimo,  
 Fortaleza dara na rica Dio,  
 Porque contra o Mogor poderosissimo,  
 Ihe ajude a defender o senhorio:  
 Depois irà com peito esforçadissimo  
 A tolher, que naõ passe o Rey gentio  
 De Calecut, que assi com quantos veyo,  
 O farà retirar de sangue cheyo.

## L X V.

Destruirà a Cidade Repelim ,  
 Pondo o seu Rey com muitos em fugida ;  
 E depois junto ao Cabo Comorim ,  
 Huma façanha faz esclarecida :  
 A frota principal do Samorim ,  
 Que destruir o mundo não duvida ,  
 Vencerà co furor do ferro , & fogo ,  
 Em si verà Beadalla o Marcio jogo.

## L X V I.

Tendo assi limpa a India dos imigos ,  
 Virà depois com Ceptro a governalla ,  
 Sem que ache resistencias , nem perigos ,  
 Que todos tremem d'elle , & nenhum falla :  
 Sò quiz provar os asperos castigos  
 Batalà , que vira ja Beadalla ,  
 De fangue , & corpos mortos ficou chea ,  
 E de fogo , & trovoens desfeita , & fea.

## L X V I I.

Este serà Martinho , que de Marte  
 O nome tem co as obras derivado ,  
 Tanto em armas illustre em toda parte ,  
 Quanto em conselho sabio , & bem cuidado :  
 Succederlheha alli Castro , que o Estendarte  
 Portuguez terà sempre levantado ,  
 Conforme successor ao succedido ,  
 Que hum ergue Diu , outro o defende erguido.

Petías

## L X V I I I.

Perfas ferozes, Abassis, & Rumés,  
 Que trazido de Roma o nome tem,  
 Varios de gestos, varios de costumes,  
 Que mil naçoens ao cerco feras vem:  
 Farão dos Ceos ao mundo vão queixumes,  
 Porque huns poucos a terra lhe detem,  
 Em fangue Portuguez jurão descridos,  
 De banhar os bigodes retorcidos.

## L X I X.

Basiliscos medonhos, & Leoens,  
 Trabucos feros, minas encubertas,  
 Sustenta Mascarenhas cos varoens,  
 Que tam ledos as mortes tem por certas:  
 Até que nas mayores oppressões,  
 Castro libertador, fazendo offertas  
 Das vidas de seus filhos, quer que fiquem  
 Com fama eterna, & a Deos se sacrificem.

## L X X.

Fernandø hum delles, ramo de alta planta,  
 Onde o violento fogo com ruído,  
 Em pedaços os muros no ar levanta,  
 Será alli arrebatado, & ao Ceo subido:  
 Alvaro, quando o inverno o mundo espãta,  
 E tem o caminho humido impedido,  
 Abrindoo, vence as ondas, & os perigos,  
 Os ventos, & depois os inimigos.

Tom. I.

Gg



## L X X I.

Eis vem depois o pay , que as ondas corta  
 Co restante da gente Lusitana ,  
 E com força & faber , que mais importa ,  
 Batalha dà felice , & soberana :  
 Huns , paredes subindo , excusão porta ,  
 Outros a abrem na fera esquadra infana ,  
 Feitos grandes tão dinos de memoria ,  
 Que não caibão em verso , ou larga historia :

## L X X I I.

Este depois em campo se apresenta  
 Vencedor forte , & intrepido ao possante  
 Rey de Cambaya , & a vista lhe amedrenta  
 Da fera multidão quadrupedante :  
 Não menos suas terras malsustenta  
 O Hidalcam do braço triunfante ,  
 Que castigando vai Dabul na costa ,  
 Nem lhe escapou Pondá no sertão posta .

## L X X I I I.

Estes , & outros varoens por varias partes  
 Dinou todos de fama , & maravilha ,  
 Fazendose na terra bravos Martes ,  
 Virão lograr os gostos desta Ilha :  
 Varrendo triunfantes estendartes ,  
 Pellas ondas , que corta a aguda quilha ,  
 E acharão estas Ninfas , & estas mesas ,  
 Que glorias , & hōras são de arduas empresas :

## L X X I V.

Assi cantava a Ninfa , & as outras todas  
 Com sonoro aplauso vozes davão ,  
 Com que festejaõ as alegres vodas ,  
 Que com tanto prazer se celebravão :  
 Por mais que da Fortuna andem as rodas ,  
 Nũa consona voz todas soávão ,  
 Naõ vos ha de faltar gente famosa  
 Honra , valor , & Fama gloriosa.

## L X X V.

Depois que a corporal necessidade  
 Se satisfez do mantimento nobre ,  
 E na armonica , & doce suavidade ,  
 Viraõ os altos feitos , que descobre :  
 Thetis de graça ornada , & gravidade ,  
 Para que com mais alta gloria dobre ,  
 As festas deste alegre , & claro dia ,  
 Para o felice Gama assi dizia.

## L X X V I.

Fazte merce , varaõ a Sapiencia  
 Suprema , de cos olhos corporaes  
 Veres , o que naõ pòde a vam sciencia  
 Dos errados , & miseros mortaes :  
 Sigueme firme , & forte , com prudencia  
 Por este monte espeffo , tu cos mais :  
 Assi lhe diz , & o guia por hum mato  
 Arduo , difficil , duro a humano trato.

Gg ij



## L X X V I I.

Naõ andão muito , que no erguido cume  
 Se achãraõ , onde hum campo se esmaltãva  
 De Esmeraldas , Rubis , tais que perfume  
 A vista , que divino chaõ pisãva :  
 Aqui hum Globo vem no ar , que o lume  
 Clarissimo por elle penetrãva ,  
 De mòdo , que o seu centro està evidente ,  
 Como a sua superficie claramente.

## L X X V I I I.

Qual a materia seja naõ se enxerga ,  
 Mas enxergãse bem , que està composto  
 De varios orbes , que a divina verga  
 Compoz , & hum centro a todos só té posto :  
 Volvendo , ora se abaixe , agora se erga  
 Nũca s'ergue , ou s'abaixa , d'hũ mesmo rosto ,  
 Por toda parte tem , & em toda parte  
 Começa , & acaba , em fim , por divina arte.

## L X X I X.

Uniforme , perfeito , em si fostido ,  
 Qual em fim o Archetipo , que o creou.  
 Vendo o Gama este Globo , commovido  
 De espanto , & de desejo alli ficou :  
 Dizlhe a Deosa , O transunto reduzido  
 Em pequeno volume aqui te dou ,  
 Do mundo aos olhos teus , para que vejas  
 Por onde vãs , & irãs , & o que desejas.

## L X X X.

Vês aqui a grande machina do mundo ,  
 Etherea , & elemental , que fabricada  
 Assim foi do saber alto , & profundo ,  
 Que he sem principio , & mêtta limitada :  
 Quem cerca em derredor este rotundo  
 Globo , & sua superficie tam limada ,  
 He Deos, mas o que he Deos , ninguê o entêde  
 Que tanto o engenho humano não se estêde.

## L X X X I.

Este Orbe , que primeiro vai cercando ;  
 Os outros mais pequenos , que em si tem ,  
 Que estã com luz tam clara radiando ,  
 Que a vista cega , & a mente vil tambem :  
 Empireo se nomea , onde logrando  
 Puras almas estão daquelle bem ,  
 Tamanho , que elle só se entende , & alcança  
 De quem não ha no mundo semelhança.

## L X X X I I.

Aqui sò verdadeiros gloriosos  
 Divos estão , porque eu , Saturno , & Jano ;  
 Jupiter , Junõ , somõs fabulosos ,  
 Fingidos de mortal , & cego engano :  
 Sò para fazer versos deleitosos  
 Servimos , & se mais o trato humano  
 Nos pode dar , he só que o nome nosso  
 Nestas estrellas poz o engano vosso.

Gg iij



## L X X X I I I.

E tambem porque a santa Providencia ,  
 Que em Jupiter aqui se representa ,  
 Por espiritus mil , que tem prudencia ,  
 Governa o mundo todo , que sustenta :  
 Ensinão a profetica sciencia ,  
 Em muitos dos exemplos , que apresenta ,  
 Os que são bõs , guiando favorecem ,  
 Os maos , em quanto pòdem nos empecem.

## L X X X I V.

Quer logo aqui a pintura , que varia ,  
 Agora deleitando , ora ensinando ,  
 Darlhe nomes , que a antiga poesia  
 A seus Deoses já déra fabulando :  
 Que os Anjos da celeste companhia  
 Deoses o sacro verso estã chamando ,  
 Nem nega , que este nome preminente ,  
 Tambem aos mãos se dà , mas falsamente.

## L X X X V.

Em fim q' o sũmo Deos , que por segundas  
 Causas obra no mundo , tudo manda  
 E tornando a contarte das profundas  
 Obras da mão divina veneranda :  
 Debaixo deste circulo , onde as mundas  
 Almas divinas gozam , que não anda ;  
 Outro corte tão leve , & tão ligeiro ,  
 Que não se enxerga , he o Mobile primeiro.



## L X X X V I.

Com este raptó , & grande movimento  
 Vão todos , os que dentro tem no feyo ,  
 Por obra deste o Sol andando atento ,  
 O dia , & noite faz , com curso alheyo :  
 Debaixo deste leve anda outro lento ,  
 Tam lento , & sojugado a duro freyo ,  
 Que em quanto Febo de luz nunca escasso ;  
 Duzentos cursos faz , dá elle hum passo.

## L X X X V I I.

Olha o outro debaixo , que esmaltado  
 De corpos lisos anda , & radiantes ,  
 Que tambem nelle tem curso ordenado ,  
 E nos seus exos correm cintilantes ;  
 Bem vê como se veste , & faz ornado  
 Co largo cinto douro , que estellantes  
 Animais doze traz afigurados ,  
 Apofentos de Febo limitados.

## L X X X V I I I.

Olha por outras partes a pintura ,  
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo ,  
 Olha a carreta , atenta a Cinosura ,  
 Andromeda , & seu pay , & o drago horrêdo,  
 Vê de Cassiopea a fermosura ,  
 E do Oriente o gêsto turbulento ,  
 Olha o Cifre morrendo , que suspira ,  
 A Lebre , & os Caés , a Nao , & a doce Lyra



## LXXIX.

Debaixo deste grande firmamento,  
 Vê o Ceo de Saturno, Rey antigo,  
 Jupiter logo faz o movimento,  
 E Marte abaixo bellico inimigo!  
 O claro olho do Ceo no quarto assento,  
 E Venus, que os amores traz consigo,  
 Mercurio de eloquência soberana,  
 Com tres rostos debaixo vai Diana.

## XC.

Em todos estes Orbes differentes  
 Curſo verás, nús gravê, & n'outros leve,  
 Hora ſógem do centro longamente,  
 Hora da terra eſtão caminho breve:  
 Bem como quiz o Padre omnipotente,  
 Que o Fogo faz, & o Ar, o Vento, & Neve,  
 Os quaes verás, que fazem mais adentro,  
 E tem co mar a terra por ſeu centro.

## XCI.

Neste centro poufada dos humanos,  
 Que não ſómente ouſados ſe contentão  
 De ſofrerem da terra firme os danos,  
 Mas inda o mar inſtavel exprimentão:  
 Verás as varias partês, que os inſãnos  
 Mares dividem, onde ſe apoſentão  
 Varias naçõens, que mandão varios Reys,  
 Varios coſtumes ſeus, & varias leys.

## X C I I.

Vês Europa Christã mais alta , & clara ,  
 Que as outras em policia , & fortaleza ,  
 Vês Africa dos bens do mundo avãra ,  
 Inculta , & toda chea de braveza ,  
 Co Cabo , que atèqui se vos negãra ,  
 Que affentou para o Austro a natureza ,  
 Olha essa terra toda , que se habita  
 Dessa gente sem ley , quasi infinita.

## X C I I I.

Vè do Monomotãpa o grande Imperio  
 De salvatica gente negra & nua ;  
 Onde Gonçalo morre , & vituperio  
 Padecerã pela Fé santa sua :  
 Nace por este inconito Emisferio  
 O metal , porque mais a gente sua :  
 Vè que do lago , donde se derrama  
 O Nilo , tambem vindo esta Cuama :

## X C I V.

Olha as casas dos negros , como estão  
 Sem portas , confiados em seus ninhos.  
 Na justiça Real , & defensão ,  
 E na fidelidade dos visinhos :  
 Olha delles a bruta multidão ,  
 Qual bãdo espello , & negro de Estorninhos  
 Combaterã em Sofala a fortaleza ,  
 Que defenderã Naya com destreza.

## X C V.

Olha lá as alagoas , donde o Nilo  
 Nace , que não souberão os antigos ,  
 Vê rega , gèrando o Cocodrilo ,  
 Os povos Abassis de Christo amigos :  
 Olha como sem murós ( novo estilo )  
 Se defendem melhor dos inimigos ;  
 Vê Mèroe , que Ilha foi de antiga fama ,  
 Que ora dos naturais Noba se chama.

## X C V I.

Nesta remota terra , hum filho teu  
 Nas armas contra os Turcos ferà claro ,  
 Ha de ser Dom Christovão o nome seu ,  
 Mas contra o fim fatal não ha reparo :  
 Vê cá a côsta do mar , onde te deu  
 Melinde hospicio gafalhofo , & charo ,  
 O rapto rio nota , que o romance  
 Da terra chama Obi , entra em Quilmance.

## X C V I I.

O Cabo vê já Aromata chamado ,  
 E agora Guardafu dos moradores ,  
 Onde começa a boca do afamado  
 Mar Roxo , que do fundo toma as cores :  
 Este como limite está lançado ,  
 Que divide Asa de Africa , & as melhores  
 Povoações , que a grande Africa alli tem ,  
 Maquá são , Arquico , & Suàquem.

## XCVIII.

Vês o extremo Suez, que antigamente  
 Dizem que foi dos Heroas a cidade,  
 Outros dizem, que Arfinoe, & ao presente  
 Tem das frotas do Egypto a potestade:  
 Olha as agoas, nas quaes abrio patente  
 Estrada o graõ Moyfes, na antiga idade:  
 Ahi começa aqui, que se apresenta  
 Em terras grande, em Reynos opulenta.

## XCIX.

Olha o Monte Şinay, que se ennobrece  
 Co sepulchro de Santa Catherina,  
 Olha Toro, & Gidà, que lhe falece  
 Agoa das fontes doce, & cristalina:  
 Olha as portas do Estreito, que fenece  
 No Reyno da seca Adem, que confina  
 Com a ferã de Arzira, pedra viva,  
 Onde chuva dos Ceos sennaõ deriva.

## C.

Olha as Arabias tres, que tanta terra  
 Tomaõ todas de gente vaga, & baça,  
 Donde vem os cavallos para a guerra,  
 Ligeiros, & ferozes, de alta raça:  
 Olha a côsta, que corre atè que cerra  
 Outro estreito de Persia, & faz a traça  
 Ao Cabo, que co nome se apellida,  
 Da cidade Farràque alli fabida.

## C I.

Olha Dofar infigne , porque manda  
 O mais cheirofo incenfo para as áras ,  
 Mas atenta já câ defl'outra banda  
 De Roçalgate , & prayas femp're avaras :  
 Começa o Reyno Ormuz , que todo fe anda  
 Pelas ribeiras , que inda ferão claras ,  
 Quando as galês do Turco , & fera armada  
 Virem de Caftel Branco núia a efpada.

## C I I.

Olha o Cabo Afabòro , que chamado  
 Agora he Monçandam dos navegantes ;  
 Por aqui entra o lago , que he fechado  
 De Arabia , & Perfia , terras abundantes :  
 Atenta a Ilha Batem , que o fundo ornado  
 Tem das fua perlas ricas , & imitantes  
 A' cor da Aurora , & vê na agoa falgada  
 Ter o Tygres , & Eufrates huma entrada.

## C I I I.

Olha da grande Perfia , o Imperio nobre ,  
 Sempre pofto no campo ; & nos cavallos ,  
 Que fe injuria de ufar fúndido cobre ,  
 E de não ter das armas femp're os callos :  
 Mas vê a Ilha Gerum , como defcobre  
 O que fazem do tempo os intervalos ,  
 Que da Cidade Armuza , que ali efteve ,  
 Ella o nome depois , & gloria teve.

Aquí

## C I V.

Aqui de Dom Felipe de Menezes  
 Se mostrará a virtude em armas clara,  
 Quando com muito poucos Portuguezes  
 Os muitos Parseos vencerá de Lara:  
 Virão provar os golpes, & revezes  
 De Dom Pedro de Souza, que provára  
 Já seu braço em Ampaza, que deixada  
 Terá por terra á força sô de espada.

## C V.

Mas deixemos o estreito, & o conhecido  
 Cabo de Jasque, dito já Carpella,  
 Com todo o seu terreno mal querido  
 Da natura, & dos doens usados della,  
 Carmania teve já por appellido;  
 Mas vés o fermofo Indo, que daquella  
 Altura nace, junto à qual tambem  
 D'outra altura correndo o Gange vem.

## C V I.

Olha a terra de Ulcinde fertilissima,  
 E de Jaquete a intima enseada,  
 Do mar a enchente subita grandissima,  
 E a vazante, que foge apressurada:  
 A terra de Cambaya vê riquissima,  
 Onde do mar o scyo faz entrada,  
 Cidades outras mil, que vou passando,  
 A vosoutros aqui se estão guardando.

Tom. I.

Hh

## C V I I.

Vês corre a cósta celebre Indiana  
 Para o Sul , até o Cabo Camori ,  
 Já chamado Cori , que Taprobana  
 (Que hora he Ceilão ) de fronte tem de si ;  
 Por este mar a gente Lusitana ,  
 Que com armas virà depois de ti ,  
 Terà vitorias , terras , & Cidades ,  
 Nas quaes haõ de viver muitas idades.

## C V I I I.

As Provincias que entre hum , & outro rio  
 Vês com varias naçoës , saõ infinitas :  
 Hum Reyno Mahometa , outro Gentio ,  
 A quem tem o Demonio leys escritas :  
 Olha que de Narsinga o senhorio ,  
 Tem as reliquias fantas , & benditas ,  
 Do corpo de Thomè varão sagrado ,  
 Que a Jesu Christo teve a maõ no lado.

## C I X.

Aqui a Cidade foi , que se chamava  
 Meliapor , fermosa , grande , & rica ,  
 Os Idolos antigos adorava ,  
 Como inda agora faz a gente iniqua ,  
 Longe do mar naquelle tempo estava ,  
 Quando a fê que no mundo se publica  
 Thomè vinha prégando , & já passára  
 Provincias mil do mundo , que ensinára ,



## C X.

Chegado aqui prégando , & junto dando  
 A doentes faude , a mortos vida ,  
 Acafo traz hum dia o mar vagando ,  
 Hum lenho de grandeza defmedida :  
 Deseja o Rey , que andava edificando ,  
 Fazer delle madeira , & não duvida  
 Poder tirallo a terra com possantes  
 Forças de homés , de engenhos , de Elefates.

## C X I.

Era tam grande o peso do madeiro ,  
 Que só para abalarfe , nada abasta ,  
 Mas o Nuncio de Christo verdadeiro ,  
 Menos trabalho em tal negocio gasta :  
 Ata o cordão , que traz , por derradeiro  
 No tronco , & facilmente o leva , & arrasta  
 Para onde faça hum sumptuoso templo ,  
 Que ficasse aos futuros por exemplo.

## C X I I.

Sabia bem , que se com se formada  
 Mandar a hum monte surdo , que se mova ,  
 Que obedecerá logo à voz sagrada ,  
 Que assi lho ensinou Christo , & elle o prova :  
 A gente ficou disto alvorçoada ,  
 Os Bramenes o tem por cõsa nova ,  
 Vendo os milagres , vendo a fantidade ,  
 Haõ medo de perder autoridade.

Hh ij

## C X I I I.

São estes Sacerdotes dos Gentios ,  
 Em quem mais penetrado tinha a enveja ;  
 Buscão maneiras mil , buscão desvios ,  
 Com que Thomè não se ouça , ou morto seja :  
 O principal , que ao peito traz os fios ,  
 Hum caso horrendo faz , que o mundo veja ,  
 Que inimiga não ha tam dura , & fera ,  
 Como a virtude falsa da sincera.

## C I V.

Hum filho proprio mata , & logo acusa  
 De homicidio a Thomè , que era innocente ;  
 Dá falsas testemunhas , como se usa ,  
 Condenaraõno à morte brevemente :  
 O Santo , que não vê melhor escusa ,  
 Que apellar para o Padre omnipotente ,  
 Quer diante do Rey , & dos senhores ,  
 Que se faça hum milagre dos mayores.

## C X V.

O corpo morto manda ser trazido ,  
 Que resucite , & seja perguntado ,  
 Quem foi seu matador , & será crido  
 Por testemunho o seu mais aprovado :  
 Viraõ todos o moço vivo erguido  
 Em nome de Jesu crucificado ,  
 Dá graças a Thomè , que lhe deo vida ,  
 E descobre seu pay ser homicida.

## C X V I.

Este milagre fez tamanho espanto,  
 Que o Rey se banha logo na agoa fanta,  
 E muitos apoz elle, hum beija o manto,  
 Outro louvor do Deos de Thomé canta:  
 Os Bramenes se enchêraõ de odio tanto,  
 Com seu veneno os morde enveja tanta:  
 Que persuadindo a isso o povo rudo,  
 Determinão matallo em fim de tudo.

## C X V I I.

Hum dia, que prègando ao povo estava  
 Fingirão entre a gente hum arruido:  
 Ja Christo neste tempo lhe ordenava,  
 Que padecendo fosse ao Ceo subido:  
 A multidão das pedras, que voava,  
 No Santo dá já a tudo offerecido:  
 Hum dos maos por fartarse mais depressa,  
 Com cruel lança o peito lhe attraycisa.

## C X V I I I.

Choraraõte Thomè, o Gange, o Indo,  
 Choroute toda a terra, que pisaste,  
 Mas mais te chorão as almas, que vestindo  
 Se hião da Santa Fê, que lhe ensinaste:  
 Mas os Anjos do Ceo cantando, & rindo,  
 Te recebem na gloria, que ganhaste,  
 Pedimoste, que a Deos ajuda peças,  
 Com que os teus Lusitanos favoreças.

Hh iij

## C X I X.

E vosoutros , que os nomes usurpais  
 De mandados de Deos , como Thomê ,  
 Dizei , se fois mandados , como estais  
 Sem irdes a prégar a fanta Fê ?  
 Olhai que se fois sal , & vos danais  
 Na patria , onde Profeta ninguem he ,  
 Com que se salgarão em nossos dias  
 ( Infieis deixo ) tantas herefias.

## C X X.

Mas passo esta materia perigosa ,  
 E tornemos á côsta debuxada ,  
 Lá com esta Cidade tam famosa ,  
 Se faz curva a Gangetica enseada :  
 Corre Narfinga rica , & poderosa ,  
 Corre Orixã de roupas abastada ,  
 No fundo da enseada o illustre rio  
 Ganges vem ao salgado senhorio.

## C X X I.

Ganges , no qual os seus habitadores  
 Morrem banhados , tendo por certeza ,  
 Que inda que sejaõ grandes peccadores  
 Esta agoa santa os lava , & dá pureza :  
 Vê Charigão Cidade das melhores  
 De Bengala Provincia , que se preza  
 De abundante , mas olha que está pôsta  
 Para o Austro daqui virada a côsta.

## C X X I I.

Olha o Reyno Arracam , olha o assento  
 De Pegú , que já monstros povoárao ,  
 Monstros filhos do feo ajuntamento  
 De húa mulher , & húa cão , q'sòs se achârao :  
 Aqui soante arame no instrumento  
 Da geração costumão , o que usaráo  
 Por manha da Raynha , que inventando  
 Tal uso , deitou fóra o error nefando.

## C X X I I I.

Olha Tanay Cidade , onde começa  
 De Syão largo o Imperio tam comprido ,  
 Tenassari , Quedà , que he sò cabeça ,  
 Das que pimenta alli tem produzido :  
 Mais avante fareis que se conheça  
 Malaca , por Emporio ennobrecido ,  
 Onde toda a Provincia do mar grande ,  
 Suas mercadorias ricas mande.

## C X X I V.

Dizem que desta terra , co as possantes  
 Ondas o mar entrando dividio  
 A nobre Ilha Samatra , que já dantes  
 Juntas ambas a gente antiga vio ,  
 Chersonefo foi dita , & das prestantes  
 Veas de ouro , que a terra produzio ,  
 Aurea por epitheto lhe ajuntárao ,  
 Alguns que fosse Osir imaginárao.

## C X X V.

Mas na ponta da terra Cingapura  
 Verás onde o caminho às naos se estreita ;  
 Daqui tomando a côsta à Cynofura  
 Se encurva , & para a Aurora se endireita :  
 Vês Pam , Patane , Reynos , & a longura  
 De Syão , que estes , & outros mais fugeita :  
 Olha o rio Menam , que se derrama  
 Do grande lago , quo Chiamay se chama.

## C X X V I.

Vês neste grão terreno os diferentes  
 Nomes de mil nações nunca sabidas ,  
 Os Laos em terra , & numero potentes ,  
 Avas , Bramás , por ferras tam compridas :  
 Vê nos remotos montes outras gentes ,  
 Que Gueos se chamão , de salvages vidas ,  
 Humana carne comem , mas a sua ,  
 Pintam com ferro ardente , ufança crua.

## C X X V I I.

Vês passa por Camboja Vecom rio ,  
 Que Capitão das agoas se interpreta ,  
 Tantas recebe de outro sô no Estio ,  
 Que alaga os campos largos , & inquieta :  
 Tem as enchentes quaes o Nilo frio ,  
 A gente delle cré como indiscreta ,  
 Que pena , & gloria tem despois de morte  
 Os brutos animais de toda forte.

## C X X V I I I.

Este receberá placido , & brando ,  
 No seu regaço o Canto , que molhado  
 Vem do naufragio triste , & miserando ,  
 Dos procellosos baxos escapado :  
 Das fomes , dos perigos grandes , quando  
 Será o injusto mando executado  
 Naquelle , cuja Lyra sonorosa ,  
 Será mais afamada , que ditosa.

## C X X I X.

Vês corre a côsta , que Champâ se chama  
 Cujá mata he do pao cheiroso ornada ;  
 Vês Cauchichina está de escura fama ,  
 E de Ainam vê a incognita enseada ,  
 Aqui o soberbo Imperio , que se afama  
 Com terras , & riqueza não cuidada ,  
 Da China corre , & occupa o senhorio ,  
 Desejo Tropico ardente ao cento frio.

## C X X X.

Otha o muro , edificio nunca crido ,  
 Que entre hum Imperio , & outro se edifica  
 Certissimo final , & conhecido ,  
 Da potencia Real , soberba , & rica :  
 Estes o Rey que tem , não foi nascido  
 Principe , nem dos pays aos filhos fica  
 Mas elegem aquelle , que he famoso ,  
 Por cavaleiro , fabio & virtuoso.

## C X X X I.

Inda outra muita terra se te esconde,  
 Até que venha o tempo de mostrar-se,  
 Mas não deixes no mar as Ilhas, onde  
 A natureza quiz mais afamar-se:  
 Esta mea escondida, que responde  
 De longe á Chiua, donde vem buscar-se,  
 He Japão onde nasce a prata fina,  
 Que illustrada ferá co a ley divina.

## C X X X I I.

Olha câ pelos mares do Oriente  
 As infinitas Ilhas espalhadas:  
 Vê Tidóre, & Ternate, co fervente  
 Cume, que lança as flamas ondeadas:  
 As arvores verás do Cravo ardente,  
 Co fangue Portuguez inda compradas,  
 Aqui ha as aureas aves, que não decem  
 Nunca à terra, & sô mortas aparecem.

## C X X X I I I.

Olha de Bandâ as Ilhas, que se esmaltão  
 Da varia cor, que pinta o roxo fruto,  
 As aves variadas, que allí faltão  
 Da verde Noz tomando seu tributo:  
 Olha tambem Borneo, onde não faltão  
 Lagrimas, no licor qualhado, & enxuto  
 Nas arvores, que Canfora he chamado,  
 Com que da Ilha o nome he celebrado.



## C X X I V.

Alli tambem Timór , que o lenho manda  
 Sandalo salutifero , & cheirofo :  
 Olha a Sunda tam larga , que húa banda  
 Efconde para o Sul difficultoso :  
 A gente do Sertão , que as terras anda ,  
 Hum rio diz , que tem miraculoso ,  
 Que por onde elle sò fem outro vae ,  
 Converte em pedra o pao , que nelle cae.

## C X X X V.

Vé naquella , que o tempo tornou Ilha ,  
 Que tambem flamas tremulas vapõra  
 A fonte , que olio mana , & a maravilha  
 Do cheirofo licor , que o tronco chora.  
 Cheirofo mais , que quanto estilla a filha  
 De Cyniras na Arabia , onde ella mora ,  
 E vé que tendo quanto as outras tem ,  
 Branda feda , & fino ouro dá tambem.

## C X X X V I.

Olha em Ceilão , que o monte se levanta  
 Tãto , que as nuvês passa , ou a vista engana ;  
 Os naturais o tem por cousa fanta ,  
 Pela pedra onde està a pégada humana :  
 Nas Ilhas de Maldiva nace a pranta ,  
 No profundo das agoas soberana ,  
 Cujoo pomo contra o veneno urgente  
 He tido por antidoto excellente.

## C X X X V I I.

Vereis defronte estar do Roxo Estreito  
 Socotorá co amaro Aloe famosa :  
 Outras Ilhas no mar tambem fogeito  
 A vòs na còsta de Africa arenosa :  
 Aonde fae do cheiro mais perfeito  
 A massa ao mundo occulta , & preciosa ;  
 De Sam Lourenço vé a Ilha afamada ,  
 Que Madagascar he de alguns chamada.

## C X X X V I I I.

Eis aqui as nóvas portas do Oriente ,  
 Que vosoutros agora ao mundo dais ,  
 Abrindo a porta ao vasto mar patente ,  
 Que com tam forte peito navegais :  
 Mas he tambem razaõ , que no ponente  
 De hum Lusitano hum feito inda vejais ,  
 Que de seu Rey monstrandose agravado ,  
 Caminho ha de fazer nunca cuidado.

## C X X X I X.

Vedes a grande terra , que contina  
 Vai de Calisto ao seu contrario Polo :  
 Que soberba a farà a luzente mina  
 Do metal , que a cor tem do louro Apollo :  
 Castella , vossa amiga , serà dina  
 De lançarlhe o colar ao rudo colo ,  
 Varias Provincias tem de varias gentes ,  
 Em ritos , & costumes diferentes.

Mas

## CXL.

Mas cá , onde mais se alarga , alli tereis  
 Parte tambem co pao vermelho nota ,  
 De Santa Cruz o nome lhe poreis ,  
 Descubrilaha a primeira vossa Frota :  
 Ao longo desta côsta , que tereis ,  
 Irà buscando a parte mais remota  
 O Magalhaens , no feito com verdade  
 Portuguez , porèm naõ na lealdade.

## CXLI.

Desque passar a via mais que mea ,  
 Que ao Antartico Polo vai da linha ,  
 De huma estatura quasi Gigantea  
 Homés verá da terra alli vizinha :  
 E mais avante o Estreito , que se arrea  
 Co nome delle agora , o qual caminha  
 Para outro mar , & terra , que fica onde  
 Com suas frias azas o Austro a esconde.

## CXLI I.

Atèqui Portuguezes , concedido  
 Vos he faberdes os futuros feitos ,  
 Que pelo mar , que já dexais sabido ,  
 Viraõ fazer Varoés de fortes peitos :  
 Agora , pois que tendes aprendido  
 Trabalhos que vos fação ser accitos  
 As eternas esposas , & fermosas ,  
 Que coroas vos tecem gloriosas.

## CXLIII.

Podeifvos embarcar , que tendes vento ,  
 E mar tranquilo para a patria amada :  
 Assi lhe disse , & logo movimento  
 Fazem da Ilha alegre , & namorada :  
 Levão refresco , & nobre mantimento ,  
 Levão a companhia desejada  
 Das Ninfas , que hão de ter eternamente  
 Por mais tempo , que o Sol o mundo aquête.

## CXLIV.

Assi forão cortando o mar sereno ,  
 Com vento sempre manso , & nunca irado  
 Até que ouverão vista do terreno ,  
 Em que nacerão , sempre desejado :  
 Entrarão pela foz do Tejo ameno ,  
 E à sua patria , & Rey temido , & amado ,  
 O premio , & gloria dão , porque mandou ,  
 E com titulos novos se illustrou.

## CXLV.

Não mais Musa não mais , que a Lyra tenho  
 Destemperada , & a voz enrouquecida ,  
 E não do canto , mas de ver que venho  
 Cantar a gente fúrda , & endurecida :  
 O favor , com que mais se acende o engenho  
 Não no dá a patria não , que está metida  
 No gosto da cubiça , & na rudeza  
 De huma austérra , apagada , & vil tristeza.

## CXLVI.

E não sei porque influxo do destino  
 Não tem hum lêdo orgulho, & géral gosto  
 Que os animos levanta de contino,  
 A ter para trabalhos lêdo o rosto:  
 Por isso vós, ò Rey, que por divino  
 Conselho estais no regio folio posto,  
 Olhai que sois, & vede as outras gentes,  
 Senhor só de vassallos excellentes.

## CXLVII.

Olhay que lêdos vaõ por varias vias,  
 Quaes rompêtes Leões, & bravos Touros,  
 Dando os corpos a fomes, & vigias,  
 A ferro, a fogo, a fetas, & pilouros:  
 A quentes regioes, a plagas frias,  
 A golpes de idolatras, & de Mouro,  
 A perigos inconitos do mundo,  
 A naufragios, a peixes ao profundo.

## CXLVIII.

Por vos servir a tudo aparelhados,  
 De vós tam longe sempre obedientes,  
 A quaesquer vossos ásperos mandados,  
 Sem dar reposta prontos, & contentes:  
 Sõ com saber que são de vós olhados,  
 Demonios infernaes, negros, & ardentes,  
 Cometerão com vosco, & não duvido,  
 Que vencedor vos fação, não vencido.

## C X L I X.

Favoreceyos logo , & alegrayos  
 Com a presença , & lèda humanidade ,  
 De rigurofas leys desaliviayos ,  
 Que assi se abre o caminho à santidade :  
 Os mais experimentados levantayos ,  
 Se com a experiencia tem bondade ,  
 Para vosso conselho , pois que sabem  
 O como , o quando , & onde as coufas cabê.

## C L.

Todos favorecei em seus officios ,  
 Segundo tem das vidas o talento ,  
 Tenhão religiosos exercicios  
 De rogarem por vosso regimento :  
 Com jejús , disciplina pelos vicios  
 Comúns , toda ambição teráo por vento ,  
 Que o bom Religioso verdadeiro ,  
 Gloria vam não pretende , nem dinheiro.

## C L I.

Os cavaleiros tende em muita estima ,  
 Pois com seu sangue intrepido , & fervente ,  
 Estendem não sòmente a ley decima ,  
 Mas inda vosso Imperio preeminente :  
 Pois aquelles , que a tam remoto clima  
 Vós vão servir com passo diligente ,  
 Dous inimigos vencem , hús os vivos ,  
 E o que he mais , os trabalhos excessivos.

## C L I I.

Fazei senhor , que nunca os admirados  
 Alemaés , Gallos , Italos , & Inglezes  
 Possão dizer , que são para mandados ,  
 Mais , que para mandar os Portuguezes :  
 Tomai conselho sò de experimentados ,  
 Que virão largos annos , largos mezes ,  
 Que posto que em cientes muito cabe ,  
 Mais em particular o experto sabe.

## C L I I I.

De Formirão Filosofo elegante  
 Vereis como Anibal o escarnecia ,  
 Quando das artes bellicas diante  
 Delle , com larga vos tratava , & lia :  
 A disciplina militar prestante  
 Não se aprende senhor , na fantasia  
 Sonhando , imaginando , ou estudando ,  
 Senão vendo , tratando , & peleijando.

## C L I V.

Mas eu , que fallo humilde , baxo , & rudo ,  
 De vòs não conhecido , nem sonhado ,  
 Da boca dos pequenos sei com tudo ,  
 Que o louvor fae às vezes acabado :  
 Não me falta na vida honesto estudo ,  
 Com longa experiencia misturado ,  
 Nem engenho , que aqui vereis presente ,  
 Coufas , que juntas se achão raramente.



## C L V.

Para servir vos braço às armas feito ;  
 Para cantar vos mente às Musas dada ,  
 Só me falece fer a vòs accito ,  
 De quem virtude deve prezada :  
 Se me isto o Ceo concede , & o vòsso peito ,  
 Dina empreza tomar de fer cantada ,  
 Como a presaga mente vaticina ,  
 Olhando a vòssa inclinação divina.

## C L V I.

Ou fazendo , que mais que a de Meduza ;  
 A vista vòssa tema o monte Atlante ,  
 Ou rompendo nos campos de Ampeluzo  
 Os muros de Marrocos , & Trudante :  
 A minha já estimada , & lèda Muza ,  
 Fico , que em todo o mundo de vòs cante ,  
 De forte , que Alexandro em vòs se veja ,  
 Sem à dita de Achiles ter enveja.

*F I N I S.*